

Metro entrega convento à Associação de Arqueólogos em Junho

# Ruínas do Carmo mais sólidas

Fernanda Ribeiro

A passagem do Metropolitano nas proximidades das fundações do Convento do Carmo, foi a oportunidade para salvar o monumento. Muita água rolou, mas agora as fundações estão reforçadas. Falta restaurar e curar a pedra dos males que a atacam. E esta foi também a oportunidade para se investigar o que existia no chão sagrado do convento. A sepultura de Nuno Álvares e 400 peças de espólio de quatro séculos de história.



O escoramento da nave está a ser retirado, mas "revelou-se desnecessário" durante a construção do túnel, sustenta o Metropolitano

**A**s obras de consolidação e restauro das ruínas do Convento do Carmo, a cargo do Metro, deverão estar concluídas em Junho, data em que a empresa entregará o monumento à Associação de Arqueólogos Portugueses, para que esta ali

reinstale o seu museu.

Segundo os responsáveis do Metro, as ruínas do Carmo ficarão então sólidas como talvez nunca tenham estado, desde a construção do

convento.

Actualmente, está a ser retirado o escoramento que em meados do ano passado fora instalado nas ruínas para garantir a estabilidade do

monumento, enquanto durasse a construção da segunda galeria de Metro ligando o Cais do Sodré aos Restauradores.

É uma quadrícula de fer-

ro, apertada por centenas de porcas e parafusos, a que está a ser desmanchada por uma empresa contratada pelo metro para esta obra. Mas, segundo Dias Fernan-

des, responsável pelos trabalhos nas linhas da Baixa, "o escoramento revelou-se desnecessário, uma vez que os dados obtidos pela instrumentação instalada nas ruf-

nas, não acusaram durante a passagem do escudo [a máquina que fez o túnel] movimentos que justificassem" aquela medida cautelar.

Dias Fernandes afirma mesmo que "o convento do Carmo é actualmente o edifício de Lisboa que está melhor instrumentado" e os dados obtidos através das leituras dos vários aparelhos — extensómetros, fissurómetros e inclinómetros, instalados em perfis de 25 em 25 metros — "vieram dar razão ao Metro, quando dizia que as suas obras não haviam sido responsáveis por alterações na estabilidade do monumento".

Os problemas detectados nas ruínas do Convento eram de facto graves, salienta este responsável, "mas resultaram de outras intervenções mais antigas, como as obras feitas na Rua do Carmo [na década de 70] e também da ausência de manutenção" a sério, ao longo de décadas, senão séculos.

Até porque, veio-se agora a apurar, o convento tinha problemas, desde a data da sua difícil construção, que demorou 18 anos, entre finais do século XIV e princípios do século XV. Além das duas cedências das fundações verificadas nessa altura — que levaram D. Nuno Álvares Pereira a afastar o Convento 100 passos da falésia sobranceira à Rua do Carmo, e a afirmar que "se os alicerces outra vez se arruinassem os havia de fazer em bronze" — houve uma preocupação que acabou por ter efeitos contrários.

"Quando se fizeram as fundações, com a preocupação de as tornar bem sólidas, perfuraram-se camadas de

calcarenitos até grandes profundidades. E foram tão fundo, que, nalgumas zonas, atravessaram essas camadas e houve fundações que ficaram assentes em areias".

### Metro tinha razão

Por isso, Dias Fernandes considera que a responsabilidade "indevidamente imputada ao Metro e a consequente decisão do Governo em avançar com obras de consolidação, traduziram-se na grande oportunidade de se salvar o monumento".

"Se o Metro não passasse por aqui, e não se tivessem feito agora estas obras, as ruínas poderiam ter caído de vez, disse Dias Fernandes.

Para reforçar as fundações do monumento, o Metro instalou 164 micro-estacas até profundidades que atingiram os 36 metros.

Mas antes de efectuar essa operação, houve que fazer sondagens e estudar a implantação do monumento, sobre o qual não havia informação fidedigna, capaz de ser utilizada pelos técnicos envolvidos na obra.

Agora já se conhece a localização as fundações do monumento, que ficaram reforçadas com as micro-estacas, algumas das quais passam rente às lojas da Rua do Carmo. Mas não foi fácil, já que algumas delas foram carregadas com toneladas de betão que se escoava pelos solos menos estáveis e cuja composição só durante as obras passou a ser conhecida.

A implantação das micro-estacas, que foi precedida por escavações arqueológicas (ver caixa) abrangeu uma

área mais extensa do que a zona por onde havia de passar o escudo, até porque os problemas de estabilidade da estrutura se distribuíam por uma área mais vasta.

Antes destes trabalhos fez-se uma intervenção de emergência, ao nível da cobertura do convento, que estava com muitas fissuras e problemas de infiltrações, entretanto "isoladas com caldas apropriadas", afirma Dias Fernandes.

### Lojas fechadas por via das obras

E se, como defende este responsável, "a passagem do escudo não teve influência na degradação das ruínas do Carmo, nem nas infiltrações detectadas o ano passado nas lojas da Rua do Carmo", já a realização destas obras de consolidação provocaram perturbações graves nos estabelecimentos comerciais, que foram obrigados a fechar, como sucedeu com a casa Leonel, a loja Ana Salazar, a Buda, e os Tecidos do Carmo.

"Se já tinham problemas de infiltrações, agora amplificaram-se por via da colocação das micro-estacas. Por isso, o Metro assumiu agora os prejuízos decorrentes do encerramento dos estabelecimentos", afirma aquele responsável.

Dias Fernandes escusou-se a quantificar o custo total destas obras, por não estarem calculados os valores das indemnizações aos estabelecimentos comerciais, afirmando apenas que estão em causa "umas boas centenas de milhar de contos", que todavia "não atingem o

meio milhão de contos".

Este mês, o Metro entrega o monumento à empresa Nova Conservação, a quem competirá agora tratar dos restantes problemas das ruínas. Eles foram já analisados pelo departamento de Geotecnia do LNEC, que fez um estudo sobre a conservação do monumento e nele detectou doenças várias.

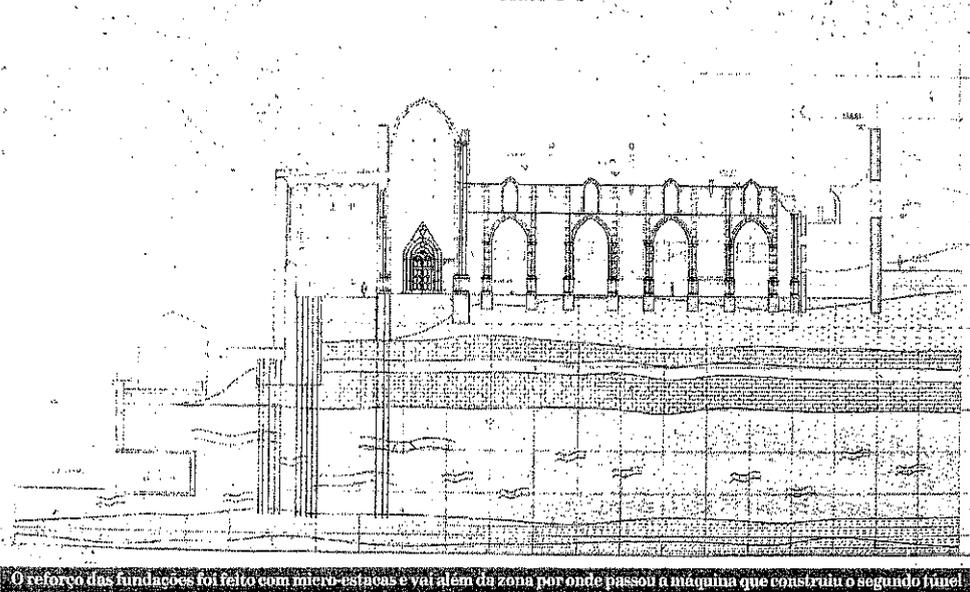
Foram identificados problemas de tipo estrutural, como a existência de juntas abertas, fendas e esmagamento de peças, passando por problemas de degradação, com alterações das paredes de alvenaria e fracturação com formação de placas, até problemas resultantes por restauros anteriores mal feitos, com a aplicação de argamassas indevidas.

Além disso o monumento patenteia também problemas de manutenção, desde a existência de ervas que crescem entre a pedra, a dejectos de pombos que a deterioram. A formação de crostas negras e a existência de fissuras e esboroamentos — que se verificam desde o incêndio, no século XVIII, na sequência do terramoto de 1755 — serão também tratados pela Nova Conservação.

"A empresa estimou em cinco meses o tempo necessário" para cuidar destes problemas, pelo que o Metro espera ter o monumento pronto para entregar à Associação de Arqueólogos ainda "antes do Verão".

Depois seguir-se-á todo o trabalho de musealização do convento, pela associação, que é detentora de importantes achados arqueológicos e que até 1998 pretende reorganizar e modernizar as instalações de que dispõe. ■

CONVENTO DO CARMO  
CORTE 2-2



O reforço das fundações foi feito com micro-estacas e vai além da zona por onde passou a máquina que construiu o segundo túnel.